

# Internet e oralidade

Análise de obra editada em suporte digital: “Internet, gramática e a dissipação dos mecanismos de controle de produção.”

páginas do orkut  
essa tal de gramática  
naum c diskut

Retirado de uma das páginas de um conhecido site de relacionamentos, o poema acima, de autoria de Álvaro Posselt, traz algumas marcas bastante curiosas a respeito de um tema que tende a tornar-se cada vez mais profícuo: a presença da oralidade em textos da Internet e, nesse caso específico, a presença da oralidade na produção artística que tem como ~~os~~ os meios digitais.

Analiticamente, o primeiro fato que gostaria de enfatizar é que no registro de palavras como “naum”, “c” e “diskut” parece não ter havido a intenção deliberada de ~~reutiliza~~ licença poética que permite ao escritor cometer “deslizes” gramaticais conscientes. ~~Não~~ utilização do sinal de aspas (recurso típico da escrita) a indicar que aquilo que foi escrito ~~of~~ escrito de forma proposital, parece funcionar aqui como uma espécie de piscadela do autor, que talvez quisesse nos dizer o seguinte: “aqui escrevi assim porque aqui se escreve assim”. Talvez isso reflita o fato de que ao indivíduo não cabe a tentativa de controlar ~~ar~~ forma do que é produzido na Internet, isso seria inócua; ao indivíduo cabe apenas adequar-se e adaptar-se a um meio que já possui características muito peculiares e sedimentadas. E, dessa maneira, chegamos a um dos pontos em que a oralidade e os meios digitais se aproximam e se refletem: em ambos não há possibilidade de controle de produção. Nem indivíduo, nem setores editoriais, nem Estado, nem qualquer outra instituição abstrata

detém esse poder. Assim como a fala, a Internet está na boca e nas mãos de quem a produz.

Um segundo ponto que gostaria de abordar na análise desse poema é que ele parece e parodiar o próprio meio pelo qual se expressa. E esse tipo de recurso também possui suas raízes fincadas na oralidade. Trocadilhos, tiradas, parodizações são meios que a fala usa para autocriticar-se, para desnudar-se diante de si e, não obstante, para rir do inusitado dessa situação e de sua própria falta de pudor. A escrita, através de um suporte digital nitidamente influenciado pela oralidade, parece também estar perdendo sua antiga timidez. A escrita, positivamente, está ficando mal-comportada. Arrombos de formalidade e sisudez estão dando lugar a propostas mais leves e humanas. E, o que? Grande parte da dinamicidade da fala se deve ao fato de que ela olha para si, olha para sua própria estrutura e então decide desestruturar-se para, em seguida, assumir seu renovado aspecto. A escrita, livre de antigas amarras, talvez esteja caminhando na mesma direção que significará uma mudança absolutamente abrupta e sem precedentes, já que ela sempre foi lugar privilegiado de conservadorismos puritanos e elitistas. Não por acaso o poema cita “essa tal de gramática”. Símbolo maior do conservadorismo linguístico gramática normativa e suas cadeias parece que tiveram seu acesso negado ao libertino mundo virtual. O termo “essa tal”, no poema, tem exatamente a função de denunciá-lo e distanciamento, de deixar nítido o abismo intransponível entre a gramática normatizante e a produção, artística ou não, feita na Internet. A gramática, que sempre olhou com escárnio Isso não significa, por suposto, que essa produção prescindia de padronização. Toda linguagem para se efetivar precisa de um código que seja compartilhado por todos. Mas as padronizações que há são particulares a esse meio e já foram apropriadas e assimiladas por seus usuários. Ninguém põe em dúvida o significado do verso “naum c diskut”, nem de registros como “hehehe” ou :-), o que significa que já há um determinado código e que esse código já foi assimilado pelos usuários: é o surgimento de uma nova linguagem, e, por que não dizer, de uma nova língua. Há normas, mas normas internas e usuais que nascem das micro-relações existentes no próprio meio. É o poder surgido não de cima para baixo, no meio, na teia, na rede. Foucaultiana essa tal de Internet...

Aliás, registros como “\*-\*” , :-o ou :-) são interessantíssimos, pois parecem emprestar à escrita recursos de expressão facial até então dela completamente ausentes devido aos seus

limitados sinais gráficos. É a necessidade coletiva sendo responsável pela criação de novos instrumentos.

É claro que esse tipo de recurso não substitui nem de longe a riqueza das expressões faciais tampouco o contato físico entre as pessoas, o que reforça um certo caráter caricatural da escrita em relação à fala. Dessa forma, a nobreza e supremacia atribuídas à escrita, a partir do reconhecimento desses fatos, devem agora ser vistas com uma boa dose de relativismo.

Voltando ao poema, outro ponto que considero importante e emblemático é que a escolha do vocabulário funciona como uma amostra da hibridização ocorrida entre fala e escrita. Palavras como “páginas” e “gramática”, que claramente se reportam ao universo da escrita, convivem com palavras como “discussão” e com espécies de transcrições fonéticas. Para finalizar, devo dizer que a influência exercida pela oralidade sobre a produção artística da Internet não significa necessariamente que a obra vá funcionar bem oralmente. O verso “naum c diskut”, por exemplo, perderia seu tom irônico e jocoso caso o percebêssemos apenas pelos ouvidos, ao invés de também pelos olhos. O que nos mostra que a reciprocidade e interdependência entre oralidade e escrita seja maior do que pensamos. E isso também nos serve como um ponto de apoio para que não cedamos à tentação de ir de um extremo ao outro. O equilíbrio é uma virtude perfeitamente atingível, e se ainda não o atingimos, é porque adoramos uma boa peleia. Mais isso naum vamu diskuti aki.

## Referências Bibliográficas

McLUHAN, Marshal. A galáxia de Gutenberg. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho; Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1977.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São

Paulo: Edições Loyola, 1996.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/internet-e-oralidade>